

“AULA-VISITA¹” AO MUSEU PARANAENSE: NARRATIVA E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA.

Alamir Muncio Compagnoni

Orientação: Dr^a. Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt²

PDE³/UFPR

RESUMO

Este texto apresenta reflexões e resultado de um estudo com alunos da 5ª série onde se intercala a sala de aula e o Museu Paranaense, denominado aula-visita. Entende-se que o ensino de História a partir das “aulas-vistas” aos museus, mantém ligado por laços fortes dois pontos Inseparáveis: conhecer o passado e o método de se chegar a ele. Nessa perspectiva significa a transformação do processo de pesquisa em aprendizagem da História. Reconhecer o aluno como sujeito que pode lidar com as fontes e que age sobre seu aprendizado e não só recebe conhecimentos prontos. A criança/aluno/a estudante participa da construção do mundo e do conhecimento. “Os povos indígenas e suas culturas na história do Paraná” conteúdo da 5ª série ou 6º ano, foi à opção pela possibilidade do acesso ao riquíssimo acervo do Museu Paranaense. O Museu com seu acervo entram como espaço de pesquisa, que permite gerar curiosidade, motivar situações de conflito cognitivo colocar em ação concepções dos alunos e questioná-las, para poder abordar a temática. O estudo caminhou na perspectiva da Educação Histórica mostrando uma metodologia, a aula-visita, de trabalhar com os alunos, ficando mais próximo do conhecimento científico do método da ciência da História.

Palavras-chave: Aula-visita, conhecimentos prévios/protonarrativas, narrativas e consciência histórica.

¹ Aula-visita, atividade desenvolvida por professores e alunos na relação sala de aula e a ida ao museu, vai além de um simples passeio. Na perspectiva da Educação Histórica, trabalha a aula-visita, seguindo alguns passos: analisa as protonarrativas dos alunos; vai ao museu; define o conteúdo; prepara a aula antes de levar os alunos ao museu; dá continuidade no trabalho de estudo no museu e ao retornar a escola sistematiza produzindo narrativas com os alunos e complementa o estudo.

² Doutora em História, com pós-doutoramento em Didática da História pela Universidade de Nova Lisboa. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica/UFPR.

³ 3Programa de Desenvolvimento Educacional da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, com ênfase na formação continuada dos professores, vinculada às orientações de Universidades Públicas do Estado do Paraná. Neste caso específico da Universidade Federal do Paraná, com orientação da Doutora Maria Auxiliadora Moreira Schmidt.

ABSTRACT

This paper presents ideas and results of a study with students from grade 5 which merges the classroom and the Museu Paranaense, called class-visit. It is understood that the teaching of history from the "lessons-views" to museums, remains bound by strong ties colon Inseparable: knowing the past and the method of reaching it. From this perspective means the transformation of the research process in learning history. Recognize the student as a subject that can deal with the sources and acting on their learning and knowledge not only get ready. The child / student / student participates in the construction of the world and knowledge. "Indigenous peoples and their cultures in the history of Parana content of grade 5 or 6 years, was the option for the possibility of access to the rich collection of the Museum Paranaense. The Museum with its collection come as search space, which creates curiosity, motivate conflict set in motion cognitive conceptions of students and challenging them in order to address the issue. The study was performed in connection with the Historical Education showing a method of the class-visit, to work with students, getting closer to the scientific knowledge of scientific method in history.

Keywords: Class-visit, prior knowledge / protonarrative, narrative and historical consciousness.

1. INTRODUÇÃO



Fonte: Professor PDE.

O Presente artigo apresenta a sistematização do estudo da experiência educativa em contexto de sala de aula e da proposta de trabalhar uma “aula-visita” no Museu Paranaense. O estudo faz parte do processo de formação continuada do PDE. Foi orientado pela professora Doutora Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt. Inicialmente apresentado no dia 03 de março de 2009, a direção da escola, a equipe pedagógica e as professoras das 5ª séries, tendo como objetivo envolver todas as 5ª séries dos anos finais Ensino Fundamental e assim, explorar o pensamento histórico dos alunos/as das 5ª séries do Colégio Estadual Professor Luiz Carlos de Paula e Souza no contexto de uma aula-visita ao Museu Paranaense. Foi explicado o que se entendia por aula-visita na concepção da Educação Histórica e que se realizaria um trabalho de aula-visita com as 5ª séries ao Museu Paranaense dentro do projeto do PDE. No Museu Paranaense ver-se-ia a possibilidade de trabalhar com os objetos para estudar o passado, para observar, se os estudantes desenvolvem o pensamento histórico, se são capazes de produzirem narrativas históricas, onde se tem a compreensão que estes expressam a consciência histórica. Neste dia também foi entregue uma cópia da proposta de trabalho, a direção do Colégio, as pedagogas e uma para cada uma das professoras que também trabalham com as outras 5ª séries.

Após explicar todo o projeto, foi, perguntado as professoras se estas topariam trabalhar com suas turmas a aula-visita na perspectiva da Educação Histórica. Um dos ambientes fora do Colégio, onde ocorreria à aula-visita, seria o Museu Paranaense, cujo objetivo era trabalhar o conteúdo: ■ *Os povos indígenas e suas culturas na história do Paraná*. Os elementos da Educação histórica que deviriam ser utilizados para o desenvolvimento do conteúdo seriam:

- Investigação dos conhecimentos prévios/protonarrativas dos/as alunos/as antes de trabalhar o conteúdo;
- Produção de narrativas históricas antes e após a aula-visita ao Museu Paranaense;
- Consciência histórica.

As professoras ficaram empolgadas e toparam desenvolver também em suas turmas. Esclarecendo, as turmas do professor PDE são: (5ª A e B) e a das professoras são as 5ª séries: (C, D, F e G). Ficou combinado que na medida do possível o professor PDE iria estar

orientado o trabalho juntamente com as professoras em todas as turmas realizando um estudo integrado.

Dias depois, foi apresentado o custo do ônibus para levar os/as alunos/as ao Museu Paranaense. O custo seria 170 reais para cada 40 alunos/as, fora o custo de xérox dos textos e material que os/as alunos/as iriam usar durante o estudo. Nesta conversa surgiu a primeira dificuldade, quem pagaria os custos. Ficou decidido que não se cobraria nada dos/as alunos/as, pois, trabalhamos em um Colégio público e gratuito. A diretora apresentou as dificuldades financeiras do Colégio e que não teria verba para custear tudo. Foi aí que o professor PDE viu que, a única maneira do projeto não morrer no papel, seria contribuindo com o custo das suas duas 5ª séries A e B, ficando as outras turmas a cargo do poder público, gerido pela Diretora do Colégio. Decidiu-se também que o professor PDE iria ligar para o Museu Paranaense conversar com as orientadoras educacionais que atendem os Colégios, explicaria o projeto e marcaria uma data para a primeira etapa da aula-visita a do professor PDE juntamente com as professoras, antes, das datas das etapas da aula-visita com os alunos.

Tendo a aprovação da direção do Colégio, das pedagogas e das professoras, o professor PDE apresentou o projeto aos alunos/as. Estes ficaram empolgados e já queriam saber quando iriam ao museu, explicou-se que antes de irem ao museu teríamos que vencer algumas etapas do estudo na escola. Foi proposto também a leitura e um debate com as professoras sobre a revisão bibliográfica que fundamentariam as nossas aulas-visitas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA / REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Selecionado pelo professor PDE, orientado pela professora⁴ da UFPR foi entre uma copia as professoras da fundamentação teórica que norteia este estudo, para que estas lessem e no próximo encontro na hora-atividade fosse debatido, tendo como objetivo, entender e preparar a aula-visita na perspectiva da Educação Histórica.

⁴ Professora Dr. Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt.

Com o objetivo de pensar a narrativa histórica e a consciência histórica de crianças/alunos, foram tomadas as ideias de Rüsen (2001), para quem a narrativa não pode ser "imaginação" (ficcional), mas deve tratar de um conteúdo histórico, de fatos históricos, baseados em documentos históricos:

Em que conteúdo se pensa, quando se fala de constituição de sentido sobre a experiência do tempo pela consciência histórica humana mediante uma narrativa que trata de "realidade" e não de "imaginação" (ficcional)? Essa distinção origina-se de uma tríplice especificidade da operação intelectual da narrativa no da vida concreta, determinante do que se pode chamar de narrativa histórica como constitutiva da consciência histórica (RÜSEN, 2001, p.62).

Para categorizar as ideias históricas manifestas nas narrativas de crianças/ alunos, recorreu-se ao conceito de consciência histórica, tendo-se como referência os estudos de Rüsen (1992) sobre as competências das narrativas (experiência, interpretação e orientação) e os tipos de consciência histórica que desenvolveu: tradicional, exemplar, crítica e ontogenética. Para Rüsen (1992, p.28-29), a aprendizagem de história pode ser explicada como uma *mudança estrutural na consciência histórica*. A consciência histórica, segundo ele, funciona como um modo específico de orientação em situações reais da vida presente, ajuda a compreender a experiência passada para que se possa compreender a realidade e os movimentos de mudança do presente sob as perspectivas de futuro para as quais essas mudanças apontam, dando à vida prática diária uma marca e uma matriz temporal.

Segundo o autor, a mudança estrutural da consciência histórica manifesta-se pelo desenvolvimento de suas *competências narrativas*: a competência de experiência, de interpretação e de orientação.

A *competência de experiência* caracteriza-se pelo desenvolvimento da sensibilidade histórica, como habilidade em resgatar a qualidade e a importância das experiências passadas, diferenciando-as da experiência do presente. A *competência de interpretação* refere-se à habilidade de diferenciar os tempos passados, presente e futuro, suas dimensões e mudanças, sem perder a perspectiva de totalidade da temporalidade. A *competência de*

orientação caracteriza-se pela habilidade em utilizar o conteúdo da experiência e da interpretação para guiar as ações na vida presente, articulando a identidade humana com o conhecimento histórico numa realidade de mudança temporal (RÜSEN, 1992, p.30). Se há mudança estrutural na consciência histórica, há tipos de consciência histórica entre os quais o sujeito se movimenta ou não, em processos de mudança que podem ter motivações externas e/ou internas.

No que se refere ao estudo do meio no ensino de história, buscou-se a fundamentação nos PCNs (1998) propõem que os professores saiam com seus alunos da sala de aula ou mesmo da escola.

É gratificante e significativo, para o professor e para os seus alunos, trabalhos que envolvam saídas da sala de aula ou mesmo da escola; visitar uma exposição em um museu, visitar uma fábrica, fazer uma pesquisa no bairro, conhecer cidades históricas, etc. Essas situações são geralmente lúdicas e representam oportunidades especiais para todos se colocarem diante de situações didáticas diferentes, que envolvam trabalhos especiais de acesso a outros tipos de informações e outros tratamentos metodológicos de pesquisa (PCNs, 1998, p.61).

Assim, nos PCNs (1998), a orientação para o professor, relativa à saída da sala de aula para a realização de um estudo do meio, é elaborar uma metodologia específica de trabalho que envolva o contato direto com fontes de informação documental, encontradas em contextos cotidianos da vida social ou natural, que requerem tratamentos muito próximos ao que se denomina pesquisa científica. O estudo do meio não se relaciona à simples obtenção de informações fora do ambiente da sala de aula ou à mera constatação de que conhecimentos já elaborados – encontrados em livros didáticos, enciclopédias ou jornais – podem ser verificados *in loco*, na paisagem humana. Não se realiza um estudo do meio para verificar que as casas construídas no início do século seguem uma mesma série de características relacionadas ao estilo neoclássico. E não se visita um museu para simplesmente verificar, por exemplo, que existem peças antigas. O estudo do meio necessita que o professor tenha uma metodologia de pesquisa e de organização de novos saberes, o que requer atividades

anteriores à visita, levantamento de questões a serem investigadas, seleção de informações, observações em campo, comparações entre os dados levantados e os conhecimentos já organizados por outros pesquisadores, enfim, organização de dados e conclusões.

Ainda segundo os PCNs (1998), o professor deve saber que, com o estudo do meio, em um museu, por exemplo, a criança/aluno não se depara com a composição dos conteúdos históricos em forma de enunciados ou já classificados a partir de conceitos. Ao contrário, é uma atividade didática que permite que eles estabeleçam relações ativas e interpretativas, relacionadas diretamente com a produção de novos conhecimentos, envolvendo pesquisa com documentos localizados em contextos culturais e dinâmicos da realidade. Nesse sentido, as crianças/alunos deparam-se com o todo cultural, o presente e o passado, a parte e o todo, o particular e o geral, a diversidade e as generalidades, as contradições e o que se pode estabelecer de comum no diferente. Ou seja, dos indícios de um, dois, três objetos de cozinha, pode-se construir enunciados para caracterizar o estilo de se alimentar de uma dada época. No caso do estudo do meio a partir de objetos históricos de um museu, este mostra um cenário composto por fragmentos, suscitadores de lembranças e problemáticas, que sensibiliza as crianças/alunos sobre a participação dos antigos e modernos atores da história, acrescentando-lhes vivências e concretudes para sua imaginação. No local, conhecendo pessoalmente o museu, os objetos, as obras de arte, os casarões, as casas, as ruas, os campos, as aglomerações urbanas, conversado com os monitores, com moradores, as crianças/alunos se sensibilizam, também, para as fontes de pesquisa histórica. Isto é, para os materiais sobre os quais os historiadores se debruçam para interpretar como seria a vida em outros tempos, como se dão as relações entre os homens na sociedade de hoje.

Os PCNs (1998) também apresentam, ao professor, algumas sugestões metodológicas de como trabalhar as saídas da sala de aula:

Criar atividades, anteriores à saída, que envolvam levantamento de hipótese e de expectativas prévias; [...] antes de realizar a atividade, solicitar que os alunos organizem em forma de textos ou desenhos, mesmo sendo o professor aquele a registrar as informações que já dominam, para que subsidiem as hipóteses e as indagações que

serão realizadas no local; [...] se possível, conseguir um ou mais especialista para conversar com os alunos sobre o que irão encontrar na visita, ou sobre o tema estudado. Como no caso da pesquisa, a conversa com o especialista pode ser posterior ao estudo de campo; [...] o professor deve visitar o local com antecedência, para que possa ser também, um informante e um guia ao longo dos trabalhos; [...] organizar, junto com os alunos, um roteiro de pesquisa, um mapa do local e uma divisão de tarefas; [...] conseguir, com antecedência ou posteriormente, para estudo na classe, mapas de várias épocas sobre o local, da transformação da paisagem e da ocupação humana; [...] Conversar com os alunos, antes da excursão, sobre condutas necessárias no local, como, por exemplo, interferências prejudiciais aos patrimônios ambientais, históricos, artísticos ou arqueológicos (PCNs, 1998, p.62, 63).

Essas sugestões são apresentadas aos professores de forma que eles possam recriá-las ou incluir outras. Usadas como recursos didáticos, favorecem a participação ativa do aluno na elaboração de conhecimentos, como uma atividade construtiva que depende, ao mesmo tempo, da interpretação, da seleção e das formas de estabelecer relações entre informações. Favorece, por outro lado, a visão de que o conhecimento é uma organização específica de informações, sustentado tanto na materialidade da vida concreta como nas teorias organizadas sobre ela. Favorece, também, a compreensão de que os documentos e as realidades não falam por si mesmos; que para lê-los é necessário formular perguntas, fazer recortes temáticos, relacioná-los a outros documentos, a outras informações e a outras realidades. Favorece, ainda, a compreensão de que o conhecimento organizado faz parte da produção de um pesquisador ou de um grupo de pesquisadores, a partir de informações e de ideias de muitos outros estudiosos, e de que é criado num tempo específico, a partir de perguntas escolhidas e formuladas ao longo de um processo de estudo e pesquisa.

Em Ramos (2004) buscou-se discutir o museu como lugar de objetos. Segundo ele, pensar o papel educativo dos objetos presentes nos museus não pode ter um caráter enciclopédico, mas o de uma reflexão crítica. Se antes os objetos eram contemplados ou analisados dentro da suposta "neutralidade científica", agora devem ser interpretados.

O que Ramos quer dizer é que, quando o professor leva crianças/alunos ao museu não pode passar a ideia de que a história está pronta nos objetos, que basta a criança/aluno contemplar e consumir. Esse autor procura construir também, em sua linha de pensamento, a

perspectiva de que se deve estabelecer relações com os objetos dos museus, dentro do processo educativo de formar um cidadão crítico, o que abre possibilidades de se investigar, nas narrativas dos alunos, a formação da consciência histórica.

Para assumir seu caráter educativo, o museu coloca-se, então, como o lugar onde os objetos são expostos para compor um argumento crítico. Mas só isso não basta. Torna-se necessário desenvolver programas com o intuito de sensibilizar os visitantes para uma interação com o museu. Não se trata da simples "formação de plateia", a valorização do museu como forma de criar cultura mais refinada. Antes de tudo, objetiva-se o incremento de uma educação mais profunda, envolvida com a percepção mais crítica sobre o mundo do qual fazemos parte e sobre o qual devemos atuar de modo reflexivo (RAMOS, 2004, p.20).

Como se observa nas afirmações do autor, a escola não deve encarar o museu como um "lugar de passeio", transformando os alunos em "plateia", que estaria ali para ver como estão guardadas as coisas antigas. Sendo o museu um lugar que guarda objetos que são patrimônio cultural, não pode ser compreendido como algo que se esgota no passado, o que levaria os sujeitos sociais a contemplá-lo de maneira passiva, sem nenhuma relação com a vida presente. Cultura, patrimônio e tradição não podem ser dissociados do conhecimento escolar, do cotidiano do professor e da vida das crianças/alunos.

Outra discussão que Ramos propõe em relação ao museu como espaço educativo para crianças/alunos é sobre a necessidade de se entender a linguagem museológica, e, portanto, as crianças/alunos, antes de irem ao museu, deveriam passar por uma atividade preparatória.

A questão é essa: o tipo de saber a que o museu induz não se desenvolve em outros lugares, e tal lacuna deixa o estudante (ou visitante) quase desprovido de meios para interpretar as nuances da linguagem museológica. Nesse caso, o envolvimento entre o que é dado à visão e quem vê necessita de atividades preparatórias, com o intuito de sensibilizar aquele que vai ver. Do contrário, não se vê, ou pouco se vê. É por isso que a visita ao museu deve começar na sala de aula, com atividades lúdicas que utilizem materiais do cotidiano, como indícios de práticas que se fazem nas relações sociais (RAMOS, 2004, p.21).

Caminhando na direção da argumentação de Ramos, deve-se olhar o museu como lugar dos objetos, devendo-se entender que a educação museológica deve formar um cidadão crítico, e que a criança/aluno, antes de ir ao museu, deve receber uma preparação na escola, na aula, pois esta é necessária para entender a linguagem e a história dos objetos, bem como a própria história, pela história dos objetos. Assim, é possível pesquisar e olhar o museu como espaço da educação histórica, capaz de construir uma consciência sobre o tempo, de atuar como um formador da consciência histórica.

Uma outra questão para a qual Ramos (2004) chama a atenção está no fato de que, muitas vezes, o professor não se prepara e não prepara as crianças/alunos. Ele não sabe por que está levando as crianças/ alunos aos museus. Assim, como atividade, comumente pede a eles um relatório.

Ainda é muito comum o professor de história exigir dos alunos o famigerado relatório da visita. Aí, vemos uma legião de estudantes desesperados, copiando as legendas rapidamente, para fazer a tarefa exigida. Nessa atividade, baseada no reflexo e não na reflexão, o visitante chega ao ponto de perder o que há de mais importante: o contato com os objetos. Na corrida contra o tempo, os alunos procuram transcrever tudo, mas nunca conseguem fazê-lo. E aí tudo pode acontecer: os que copiam "extintor", ou "proibido fumar", ou aqueles que chegam a usar suportes e vitrines como mesa para apoiar o caderno. Seguindo os passos da "educação bancária", como diz Paulo Freire, o museu é transformado em fornecedor de dados (RAMOS, 2004, p.26).

Entende-se, portanto, que no processo de educar para pensar historicamente, por meio dos bens culturais (objetos e documentos dos museus), preservados, devem ser incluídos a análise e o entendimento do presente. Sem o confronto passado/ presente/futuro (RÜSEN, 1992) será difícil pensar historicamente e entender o patrimônio cultural como produto do homem, sujeito da história, como resultado das relações sociais, culturais, econômicas e políticas desses sujeitos. Com um olhar vago sobre o passado não se pode fazer história, nem ser sujeito da história – sujeito político, cidadão consciente do próprio mundo (FREIRE, 1987).

Buscou-se também, alguns estudos em países, como: México e Espanha onde têm surgido vários projetos para que professores e alunos tenham acesso às instituições museológicas.

Não se pretende equiparar o museu à escola, transformando-o num mero prolongamento da sala de aula, correndo-se o risco de desperdiçar a especificidade da instituição museológica como um espaço diferente, com recursos diferentes, para a pesquisa, discussão, aprofundamento, criação e complementação dos conhecimentos históricos. Por sua vez (ou muitas vezes), o museu vê a escola, com seus alunos e professores, como espectadores de suas exposições, os quais serviriam apenas para incrementar os números estatísticos de visitantes.

Em face dessa situação, muitos autores⁵ têm chamado a atenção para a necessidade de conhecer novos modelos de trabalho e cooperação entre ambas as instituições, que sejam capazes de conjugar as especificidades de cada uma delas num modelo educativo que forme a consciência dos sujeitos. Um dos indicadores da crescente atenção ao papel educativo dos espaços de aprendizagem informal é, sem dúvida, o número crescente de estudos⁶ realizados pelos museus na busca de um intercâmbio entre museu e escola e de projetos que atendam às escolas. No entanto, poucos são dedicados à verificação das aprendizagens resultantes de uma visita ao museu e à crescente preocupação com a definição do que constitui realmente essa experiência museal, bem como dos efeitos de longa duração que esta pode exercer nos sujeitos educados.

Se se levar em conta que a maioria das crianças, adolescentes e jovens chega aos museus (muitas vezes pela primeira vez) pela mão das escolas, a aula-visita assume uma importância ainda maior na construção de uma relação com a instituição museológica, uma

⁵ RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto**: o museu no ensino de história. Chapecó: Argos, 2004; STEINBACH, Judith. **Patrimônio cultural e museus**: conceitos, tipologias, legislação. Projeto: Educação Patrimonial. Joinville, agosto de 2008.

⁶ SILVA, Marcos. **Artes visuais, museu e espaço virtual no ensino de história**. Disponível em: <<http://www.anpuh.uepg.br/xxiiisimposio/anais/tesxtos/Marcos%20Silva.Pdf>>. Acesso em: 2007; STUDART, Denise C. **Museus**: emoção e aprendizagem. Texto publicado pela Fundação Oswaldo Cruz (RJ), 2007.

relação simultaneamente educacional e vivencial, com o objetivo de formar, no caso do ensino de história, uma consciência histórica (RÜSEN, 2001).

Além das propostas de museus que vêem a escola sobretudo como um instrumento para fazer crescer as estatísticas de visitantes, há as sugestões de um outro grupo de educadores de museus que vem pensando uma proposta educativa a partir dos museus voltados para o público escolar. Silva (2002) apresenta uma experiência portuguesa, que propõe atender as crianças a partir da entrada na escola dando continuidade o resto da vida, o que ela chama de *experiência educativa global e de longa duração*:

A articulação entre produtores de museus e agentes do ensino escolar é fundamental desde a entrada da criança na escola dando continuidade ao longo dos estudos para que este processo de descoberta do museu pelas novas populações escolares resulte numa experiência enriquecedora para todos (FARIA, p.39, citada por SILVA, 2002, p.39).

A proposta "Projeto: Educação e Museus" de inserir o museu a partir da entrada das crianças e jovens nas escolas, trabalhando na perspectiva de proporcionar aprendizagem como um processo ativo e dialético entre sujeito/objeto/contexto. Trata-se de uma concepção de visita a museu que busca propiciar aprendizagens efetivas.

Para a autora, é crucial a ação de construir significados e de dotar as experiências de sentido. Por fim, a proposta de Silva (2002) para visitas a museus aponta a necessidade de construir verdadeiras *parcerias entre a escola e o museu*, de construir planos educativos de longa duração, que contemplem a necessidade de múltiplas visitas e o tratamento de temas que envolvam a colaboração de professores, alunos e educadores de museus. Não se trata de transformar as propostas dos museus numa reprodução do sistema escolar, mas de reconhecer e integrar as especificidades de ambos os ambientes de aprendizagem num processo educativo dinâmico, não apenas para formar futuros frequentadores de museus, mas para criar uma relação mais estreita e participativa entre estas instituições e as comunidades onde estão inseridas (SILVA, 2002).

Na Espanha, Cervantes (2003) discute o museu como espaço de cultura e de aprendizado. Para ele, os espaços culturais dos museus têm realizado uma verdadeira revolução didática dentro das aulas. Nas saídas das escolas, para o desenvolvimento de outras atividades, os museus ocupam a maioria dessas atividades. Porém, no momento em que os museus se comprometem a ser espaços de instrução, educação e divulgação, voltados para o público diverso, entre eles o escolar, não basta mostrar seu patrimônio, devendo também torná-lo compreensível. Isto implica saber transferir todo um conjunto de conhecimentos científicos, de maneira que facilite a compreensão da bagagem cultural do museu, de que todo o cidadão deveria desfrutar.

Segundo Cervantes, para que isso ocorra é necessário o desenvolvimento de um material didático para tornar compreensível uma exposição. Entretanto, é necessário também avaliar os resultados, a partir de um estudo do público, tanto de professores como de crianças/alunos, o que permite identificar se os objetivos do processo de ensino-aprendizagem foram atingidos e, em caso negativo, incorporar as mudanças pertinentes. Também é preciso um conhecimento profundo dos programas escolares regulares, no sentido de adaptar a oferta das necessidades da escola regular.

Nas considerações finais de seu artigo, Cervantes (2003) propõe um mediador entre a escola e o museu, no sentido de organizar uma didática do patrimônio:

Creemos que las finalidades del mediador didático em patrimônio deberían ser: - coordinar los diversos agentes sociales implicados em la difusión, com um objetivo final común, em este caso la educación. El mediador sería el puente entre la escuela y el museo; tendría suficiente conocimiento de funcionamiento y las necesidades de la escuela y del funcionamiento y las ofertas del espacio cultural, em este caso el museo. Todo ello facilitaría el trabajo y las relaciones de ambas instituciones. – Aplicar los principios de la didáctica del patrimônio a los proyectos y actividades relacionadas desde el museo para la escuela, enfatizando la visión sistémica del patrimônio. – Destacar la importancia de la mediación didáctica respecto a los saberes disciplinares que haya posible la transferencia de los conocimientos de la disciplinas referentes a um elemento mediador (guías, material informativo, elementos interactivos, etc.) para hacerlos comprensibles. – Evaluar el proceso de enseñanza-aprendizaje tanto desde las necesidades de la institución museística (que no tiene por qué coincidir com los escolares) como desde el centro de enseñanza, para analizar las fortalezas y

debilidades observadas y poder prever acciones modificadoras (CERVANTES, 2003, p.60).

Em um artigo em conjunto, outros autores espanhóis, Asensio e Pol (2003), discutem a ideia de aprender em museu e afirmam que os programas educacionais dos museus precisam de áreas museológicas específicas que permitam seu desenvolvimento. São as *Áreas de manipulação*, onde se têm réplicas das peças que os professores e alunos podem manipular, principalmente nos museus de arqueologia; *Áreas de interpretação*, em que se tem uma aplicação educativa direta e que incluem material documental, jogos, vídeos e, inclusive, elementos de informática e conexão de rede; *Eventos de férias e programas não permanentes*, programas cada vez mais presentes que procuram adaptar a oferta educativa às demandas sociais específicas; *Oferta integral de programas*, em que os museus elaborem um programa educativo, não se preocupando com o plano de trabalho diário do professor. A forma mais usual é que o professor utilize os programas e desenhos que fazem parte da oferta do museu e, obviamente, os adapte e incorpore ao seu programa de aula. Na figura a seguir, os autores descrevem o modelo de processo de elaboração de programas. Tem-se como objetivo sugerir aos museus e escolas propostas mínimas para a elaboração de programas educativos em museus. O importante deste modelo é tomar consciência da complexidade do processo para a realização de uma visita com crianças/alunos saindo de uma escola e indo a um museu que vai além da intenção de um mero passeio. Se bem organizada a visita escola/museu, o resultado cognitivo no ensino de história será significativo para os sujeitos estudantes.

Fez-se também estudo no Brasil sobre a ida aos museus, onde existem vários artigos e projetos que apontam a visão de ações culturais e educativas dos museus para as escolas. Leite (2006) trabalha a relação que as crianças têm/podem ter num museu, em particular nos museus de arte. Ela entende o museu como lugar de troca, de descoberta, de produção de sentidos, criação, mas, sobretudo como espaço de memória de história de vida. "Os museus e demais espaços de cultura são depositários da memória de um povo,

encarregados pela preservação das obras produzidas pela humanidade, com suas histórias, com os meios próprios de que dispõem." (LEITE, 2006, p.1). No entanto, a autora menciona a importância do museu para um processo de formação da criança/aluno como sujeito social, histórico e cultural, a partir dos elos e associações que a criança (faz/pode fazer), a partir de suas experiências estéticas com representações culturais de outros tempos/espacos e com pessoas de outras gerações.

Na década de 1990, na Bahia, Santos (1990) propôs métodos que podem ser usados por museus e escolas para a realização de um programa educacional centralizado no museu:

- a) Um programa educacional elaborado pelo Museu, conhecendo detalhadamente o currículo da escola, com análise dos interesses particulares das coleções;
- b) Acordar entre o Museu e a escola, visando pesquisas a serem feitas, estabelecendo normas para avaliação dos resultados;
- c) Bom relacionamento com os professores para elaboração de um programa geral e programas relacionados com assuntos individuais, o que dará ao Museu condições para o trabalho com jovens, numa educação contínua;
- d) Harmonia com relação ao esquema traçado pelo Museu para trabalhar com professores no desenvolvimento do programa em geral e programas relacionados com assuntos individuais;
- e) Programas para trabalho com jovens numa educação contínua fora de esquemas escolares (SANTOS, 1990, p.86).

A autora sugere, ainda, a conscientização dos educadores sobre a importância dos museus na educação. Para ela, deveria estar em evidência, nas escolas, o trabalho educativo dos museus, para o qual os professores deveriam ter uma formação. O objetivo não é transformar o museu em estabelecimento educacional, mas encontrar o seu papel na educação, destacadamente na educação primária. O museu deve ter uma programação educativa, promover visitas guiadas de grupos homogêneos no caso de escolares, com o devido preparo anterior e posterior (SANTOS, 1990).

Outro autor brasileiro, Silva (2007), discute as possibilidades que as escolas têm do uso de *sites* didáticos *on-line*, onde são reproduzidos materiais de acervo de grandes museus, e propõe "visitas virtuais" às salas de exposições. No entanto, realça a importância das visitas

presenciais com alunos aos museus, mesmo os pequenos que são constituídos nos municípios.

Uma instituição que se destaca como alvo dessas investidas do Ensino de História no campo da Informática é o museu. Quando se fala em museu, é, ao imediato, pensar em grandes instituições clássicas, internacionais, como o Museu do Cairo, o Smithsonian Institute (Washington) ou, no Brasil, o Museu Nacional (Rio de Janeiro) e o Museu Paulista (São Paulo), dentre outras. São instituições excelentes, com acervos fantásticos, mas um museu não é exclusivamente isso. Também uma pequena entidade municipal ou até de bairro, formada com um acervo que é miscelânea sobre determinado agrupamento humano ou um campo de saber, possui traços em comum com aqueles outros monumentais – exposição de uma coleção, contato com a materialidade de sua área, critérios de seleção do que merece ou não estar no acervo e ser exposto (SILVA, 2007, p.3).

Em São Paulo, Almeida e Vasconcellos (1997) apresentam o projeto "Ação Educativa em Museus", em que mostram as possibilidades pedagógicas de uma visita, considerando os serviços educacionais oferecidos pelo museu por meio da monitoria ou educadores de museu. Sua preocupação, no entanto, são os escolares.

Nossa preocupação é com o público escolar – professores/as e alunos/as. Os museus oferecem para esse público curso, visitas monitoradas, oficinas, material didático para empréstimo, conferências, estágios de formação. Muitos museus brasileiros de Ciências Humanas, aliás, desenvolvem programação para o público escolar. Em alguns, como o Museu Nacional (RJ), a ênfase é dada ao trabalho com o professor, a fim de que se possa construir com ele um trabalho para seus alunos, através de cursos e material de apoio. O Museu da Inconfidência (MG), além de desenvolver atividades pedagógicas voltadas para os alunos, oferece cursos de atualização para professores numa tentativa de inter-relacionar pesquisa e educação (ALMEIDA; VASCONCELLOS, 1997, p.108).

Almeida e Vasconcellos (1997), além de apresentarem as preocupações pedagógicas do Museu Nacional (RJ) e do Museu da Inconfidência (MG), mostram uma outra preocupação, com relação ao Museu Paulista, conhecido como Museu do Ipiranga.

O Museu Paulista oferece duas grandes possibilidades temáticas para o professor/a de História em seu trabalho junto aos seus alunos: a temática da Independência do país ou da História de São Paulo. Infelizmente o Museu Paulista ainda não possui um serviço educativo voltado para atendimento sistemático do público escolar, mesmo sendo uma instituição que recebe esses visitantes cotidianamente e em grande número (ALMEIDA; VASCONCELLOS, 1997, p.108).

Diante da constatação de não haver um serviço educativo voltado para o público escolar, Almeida e Vasconcellos (1997) fazem uma proposta:

Entendemos que da forma como se apresenta exposição do Museu Paulista, no caso específico da temática da independência, é indispensável um trabalho prévio do professor de História, no sentido de iniciar uma discussão sobre o tema da construção, utilização e transformação da memória ali presente, sob pena do comprometimento e da incompreensão de sua proposta (ALMEIDA; VASCONCELLOS, 1997, p.108).

Em Joinville, Santa Catarina, Steinbach (2008) apresenta um projeto voltado à educação formal: "As Experiências do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville e a Interface com o Ensino Formal" (STEINBACH, 2008, p.6). No projeto de atendimento educativo, propõe atender às turmas do ensino fundamental (3.^a, 5.^a e 7.^a séries) das escolas públicas municipais de Joinville.

Proposta I – O homem sambaquiano: sua alimentação, sua moradia. (3.^a série).
Proposta II – Pré-história regional: o homem sambaquiano e sua tecnologia (5.^a série).
Proposta III – Pluralidade cultural (7.^a série) (com desdobramentos). Ensinar experiências educativas com base na exposição de longa duração. Proporcionar ao público infanto-juvenil um melhor aproveitamento do museu, dos seus bens culturais, da sua potencialidade em oferecer metodologia construtivista, calcada nos princípios da educação patrimonial (STEINBACH, 2008, p.6).

Em Curitiba, Paraná, a Fundação Cultural tem uma proposta educativa para os museus que coordena, chamada de "Ação Educativa".

Considerando-se os museus como locais que reúnem, conservam e expõem o objeto ou obras de arte sob sua guarda com a finalidade de estudo, deleite ou educação, é indispensável um projeto pedagógico que aproxime os visitantes das exposições de forma técnica, porém didática, em que os agentes atuem como mediadores entre a obra e o espectador. Assim, o projeto de Ação Educativa nos Espaços Expositivos está centralizado, no sentido de definir parâmetros iguais para todos os envolvidos, sejam arte-educadora ou mediadores. Os critérios e metodologia de trabalho são coordenados por uma equipe colegiada, formada pelos responsáveis pela Ação Educativa em cada espaço. Este projeto leva em conta que, embora o público mais assíduo seja constituído por escolares, há grupos com outras características que

freqüentam os espaços, por isso a ação é abrangente. Casa espaço conta com uma arte-educadora e três estagiários da área de artes visuais, por turno (CURITIBA, 2006).

Para os encaminhamentos de sala de aula, sobre os conhecimentos prévios que os alunos possuem acerca dos conteúdos históricos, antes de serem trabalhados pelos professores, nos fundamentamos, nas idéias de Barca (2004). De posse destes conhecimentos prévios, o professor faz sua análise, e diante da análise, organiza sua aula-visita, buscando um ensino que leva em consideração a investigação a partir do método da ciência da História, onde os alunos passam a usar conhecimentos alternativos, mais próximos ao conhecimento científico.

Orientados pela revisão bibliográfica que fundamenta teoricamente este estudo, criam-se os seguintes passos para a aula-visita:

1. Marcar uma data com as orientadoras que trabalham no Museu Paranaense para que o Professor PDE e as professoras pudessem ir ao Museu antes de levar os alunos;
2. No encontro com as orientadoras no Museu Paranaense olhar o acervo e definir a partir do conteúdo quais exposições e objetos os alunos vão olhar durante a aula-visita;
3. Definir as datas as turmas e o número de alunos para cada aula-visita;
4. Preparar as questões para investigar os conhecimentos prévios/protonarrativas dos alunos e alunas;
5. Investigar e analisar os conhecimentos prévios/protonarrativas dos alunos;
6. A partir da análise, dos conhecimentos prévios/protonarrativas, criar-se-ia uma ficha, que possibilitaria orientar o olhar dos alunos, para o conteúdo em estudo, e que possa ser utilizado durante a etapa da aula-visita no Museu;
7. Levar os alunos no Museu para a etapa da aula-visita ao acervo previamente definido;
8. Na sala de aula após a etapa da aula-visita no Museu, trabalhar com os alunos em equipe a produção de cartazes;
9. Organizar com as equipes para que estas apresentem a turma às narrativas confeccionadas nos cartazes;
10. Cada turma seleciona uma ou duas equipes para apresentar as narrativas dos cartazes às outras 5ª séries;
11. Todos os cartazes serão expostos em espaço público do Colégio;

12. Solicitar aos alunos individualmente que escrevam novamente seus conhecimentos acerca do conteúdo em forma de uma narrativa histórica.

13. Para concluir analisar as narrativas, devolver aos alunos as narrativas dos conhecimentos prévios, as narrativas finais realizadas após a aula-visita ao Museu, dar oportunidade para que se pronunciem sobre o seu crescimento histórico, a importância da metodologia usada e a importância deste estudo na sua vida.

3. ENCONTRO DOS PROFESSORES COM A EQUIPE DE EDUCAÇÃO DO MUSEU PARANAENSE.

Dentro da proposta dos professores conhecerem, antecipadamente, o Museu Paranaense e de ver a exposição, dos objetos, como o Museu se organiza para a “aula-visita”, como é o horário de funcionamento, o número de alunos/as que podem ir por “aula-visita”, a necessidade de serem acompanhados por orientadoras do Museu. Por telefone o professor PDE do Colégio entrou em contato com o Museu explicado por alto a proposta, assim, conseguiu-se marcar um data. Ficou estabelecido o dia 23 de março de 2009, às 09h00min horas.

No dia 23 de março as 09h00min horas, as professoras e o professor PDE foram até o Museu Paranaense como havia marcado por telefone. A coordenadora estava aguardando e recebeu há todos muito bem. Ocorreram as apresentações como é de praxis, passando em seguida à explicação da proposta de trabalho da aula-visita na perspectiva da Educação Histórica. Ela ficou encantada e disse: *“é a primeira vez que um Colégio vem com uma proposta de aula-visita e de estudos por escrito”*. Solicitou que mandasse a proposta por e-mail, o que se fez posteriormente. Orientados por uma das coordenadoras do Museu Paranaense, olhou-se o acervo em exposição, trocam-se algumas ideias e definem-se quais exposições os alunos iriam estudar na sua aula-visita. As salas que os alunos percorreriam seria apenas aquelas onde os objetos mostram a evidência da história ligada ao conteúdo: *Os povos indígenas e suas culturas na história do Paraná*. Marcam-se também as datas das aulas-vistas com os alunos, assim, distribuídas: (22 de março, aula-vista da 5ª A/C, 23 de março, aula-vista da 5ª B/C, 6 de maio 5ª D/C, 19 de maio E/F e 21 de maio G/F). Como em cada aula-visita iriam 40 alunos/as, foi colocada a turma C e a F juntamente com as outras

turmas para complementar o número de alunos/as diminuindo os custos em duas viagens. No Museu a turma seria dividida, durante a aula-visita em dois grupos de 20 alunos/as, tendo em cada grupo uma orientadora do museu e um professor/a do Colégio.

4. ATIVIDADES E ANÁLISE SOBRE A INVESTIGAÇÃO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS DOS ALUNOS.

Foi realizada a seguinte atividade com alunos/as para investigar os conhecimentos prévios do conteúdo: ■ Os povos indígenas e suas culturas na história do Paraná.

Colégio	Data: ___/___/___
Professor	Nono Letivo 2009
Disciplina	Nidade <input type="text"/> Idade <input type="text"/>
Série/	
Curso	
Nome	

Registre sua opinião:

a) Meio através dos qual você acredita que se pode aprender História.

b) Você acha que os objetos dos museus podem ser utilizados como documentos para aprender história?

c) Imagine-se um historiador e escreva uma narrativa histórica contando a um amigo sobre: “A vida dos povos indígenas e suas culturas na história do Paraná”.

Analisando os conhecimentos prévios/protonarrativas dos alunos apresentam-se algumas considerações, tais como:

Questão a. Os meios para aprender história, que apareceram com absoluta freqüência; (a escola e os livros didáticos), outros que apareceram esporadicamente; (o computador, a biblioteca, os pais, os avós e o museu).

Questão b. A absoluta maioria dos alunos entende que com os objetos dos museus se aprende história. **João. “Sim porque eles acharam os objetos e fizeram como documentos.” Pedro. “Sim porque os objetos do museu são as fontes não escritas.”**

Questão c. Encontram-se três formas de as protonarrativas narrativas, a forma desenhada, a forma desenhada e escrita e a forma escrita. As que aparecem com mais freqüência são as formas desenhadas e escritas. As narrativas trazem a idéia de um índio, que caçava, pescava, usava arco e flecha, no meio da natureza com sua moradia em forma de oca e que vivem na Amazônia, não fazem referência ao Paraná, aparece uma idéia “americanizada” de índio.

A partir dos conhecimentos prévios/protonarrativas dos alunos conclui-se que se deveria trabalhar com os alunos: O que é um museu? A possibilidade de trabalhar com os objetos dos museus para pesquisar, escrever estar estudando a História. O que é o Museu Paranaense? Como funciona? Como seria sua aula-visita? Qual seria o conteúdo histórico em estudo? E a produção da uma ficha de identificação dos objetos para os alunos desenharem e preencherem durante a aula-visita no Museu Paranaense.

5. FICHA CRIADA A PARTIR DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS/PROTONARRARTIAS DOS ALUNOS E UTILIZADA PELOS MESMOS, DURANTE A AULA-VISITA AO MUSEU PARANAENSE.

Colégio			
Professor (a):		Data: ___/___/___	
Disciplina:		Ano Letivo:	
Série/Curso:		Turma	Idade
Aluno/a:			
DESENHAR O	DESCRIÇÃO	DATA DO	PERGUNTAS AO OBJETO.

OBJETO	IDENTIFICANDO DO OBJETO	OBJETO	

Autor: Professor PDE

6. A “AULA-VISITA” DOS ALUNOS NO MUSEU PARANAENSE.



Fonte: Professor PDE.

Nos dias estabelecidos para as etapas das aulas-visitas no Museu, seguiu-se o seguinte encaminhamento: As 07h30min, o professor PDE se dirigiu até a sala, onde os alunos estavam reunidos; recolheram-se as autorizações dos pais e/ou responsáveis que havia sido distribuída alguns dias antes aos alunos, pois, a norma para a saída de alunos do Colégio se dá somente com autorização por escrito dos pais ou responsáveis; entre as 07h30min e 08h00min entregou-se a ficha de estudos que eles utilizariam no museu; foi dada nova explicação do que se tinha discutido antes em sala de aula, sobre sua importância no estudo; sobre o roteiro da aula-visita monitorada; sobre a exposição e o acervo que se iria olhar no *Museu Paranaense*. Orientou-se ainda, que eles deveriam ater-se as salas onde estão os objetos com evidências históricas ligada ao conteúdo: “*Os povos indígenas e suas culturas na história do Paraná*”, possibilitando assim, um olhar atento em cada objeto, o desenho, a discussão, a investigação das várias informações históricas contidos nos objetos possibilitando uma narrativa histórica para aquele conteúdo em estudo.

A chegada ao Museu Paranaense era prevista para as 09h00min, horário definido para o início das atividades, por isso a saída foi as 08h00min, pois, a viagem entre a escola e o museu leva em torno de 01h00min. Logo na chegada às orientadoras educacionais recebiam os alunos e professores na entrada do Museu conduzindo-os a uma sala onde se apresentavam e solicitavam que professores e alunos também se apresentassem, tendo encerrada as apresentações explicaram sobre: O que é um Museu? O que é o Museu Paranaense? Como seria a aula-visita? Abriam um espaço às perguntas dos alunos, em seguida dividiram-se os alunos em duas turmas de no máximo 20 alunos. O roteiro de cada turma, a professora e monitora de cada turma. Antes dos alunos saírem com sua professora e monitora, foi aberto um espaço para irem ao banheiro.

Durante o roteiro da aula-visita os alunos foram conduzidos apenas nas salas onde tinham objetos com evidência histórica referente ao conteúdo, como havia sido determinado no encontro antecipado entre professores e orientadores educacionais do museu. Esses objetos estavam concentrados em três ambientes diferente e estrategicamente como se havia decidido no momento de estudo do ambiente entre orientadores educacionais e os professores anteriormente. Uma turma de no máximo 20 alunos foi para a sala que fica na parte de baixo do museu e a outra nas salas da parte de cima. O tempo de estudo em cada sala foi realizado em 01h: 30 min, dado este tempo às turmas invertiam o espaço de estudo.

Durante o estudo as orientadoras educacionais do museu explicavam a narrativa da exposição tiravam dúvida das perguntas dos alunos e os deixavam a vontade para olharem, desenharem e escreverem em suas fichas o que estavam vendo, sentindo e entendendo.

O professor PDE procurou em todas as aulas-visitas estar com os dois grupos de alunos para sentir, observar e ouvir o encantamento dos alunos com o Museu: **Júlia: “Aqui é legal. É lindo. Como tem coisas bonitas”.** **Sandra: “Como tem coisas lindas, será que é de verdade?”** **Lucas: “Aqui é mais fácil aprender história a gente está vendo as coisas”.** **Julio: “Será que as coisas são antigas mesmo?”** Enquanto falavam estas frases os seus olhos brilhavam, eles se voltavam por inteiros com toda atenção para o que estavam estudando. As frases e o olhar dos alunos o entusiasmo, a empolgação, o fascínio, a dedicação, a atenção, demonstram o quanto o ambiente do museu com seus objetos é importante para a educação histórica e a formação da consciência histórica destes jovens.

7. TRABALHO EM SALA DE AULA APÓS A “AULA-VISITA” AO MUSEU PARANAENSE.

Em sala de aula, os professores organizaram e orientaram os/as alunos/as na formação das equipes que deveriam ser compostas de no mínimo três e no máximo quatro alunos. Nas equipes os alunos, passaram a discutir, analisar as fichas, ampliar e melhorar o desenho dos objetos anotados no Museu Paranaense e, com os desenhos e a escrita sobre os objetos, produziram um único cartaz e/ou pôster, narrando a história: “*Os povos indígenas e suas culturas na história do Paraná*”. Para construir a narrativa histórica da equipe no cartaz foram dadas as seguintes orientações para pensarem enquanto discutiam:

- a) Cada aluno mostraria e falaria sobre sua ficha e o Museu;
- b) Sobre os povos que construíram os objetos.
- c) Os Gostos, hábitos, necessidades, valores e condição social das pessoas que os construíram;
- d) Semelhanças e diferenças entre as épocas em que esses objetos eram utilizados e a atualidade;
- e) Tecnologia e função de cada um desses objetos;

Após a produção do (cartaz e/ou pôster), na sua sala, as equipes apresentaram a turma. No final da apresentação de todas as equipes, cada turma, votou e elegeu duas equipes por

turma para apresentar as outras turmas. Em uma outra aula, uma turma por aula dirigiu-se a um dos espaços públicos do Colégio, onde fixaram os (cartazes e/ou pôsteres), formando um painel, para socializar com toda a escola o seu estudo, sobre: “Os Povos Indígenas e suas Culturas na História do Paraná”; realizado a partir da “aula-visita” ao Museu Paranaense. O professor PDE montou ao lado dos cartazes um painel com as fotos que foram autorizadas e tiradas nos museu durante uma etapa da aula-visita dos alunos.

8. PRODUÇÃO DE NARRATIVAS HISTÓRICAS APÓS A AULA-VISITA.

Após os alunos/as terem produzido os cartazes e/ou pôsteres, apresentado e organizado o painel, o/as professor/as, em sala de aula, passam para mais etapa da aula-visita, distribui-se uma folha (como o exemplo abaixo) para cada aluno/a, solicitando novamente que respondessem as questões e escrevessem agora individualmente uma narrativa histórica.

Colégio		
Professor	Data: Data ___/___/___	
Disciplina	Nono Letivo 2009	
Série/ Curso	Nºidade <table border="1" style="display: inline-table; vertical-align: middle;"><tr><td>Idade</td></tr></table>	Idade
Idade		
Nome		

Registre sua opinião:

a) Meio através dos qual você acredita que se pode aprender História.

b) Você acha que os objetos dos museus podem ser utilizados como documentos para aprender história?

c) Imagine-se um historiador e escreva uma narrativa histórica contando a um amigo sobre: “A vida dos povos indígenas e suas culturas na história do Paraná”.

Após a leitura e análise das narrativas dos alunos, na questão 1 letra: a) Meio através do qual você acredita que se pode aprender História. Aparecem respostas como: à escola, livro didático, internet, mas, o museu foi encontrado em todas as narrativas, como podemos observar: **[Carina, 10 anos]. “Indo ao museu, vendo os artefatos antigos, vendo livros, vendo as coisas antigas, ver o ano em que foi achado.”**

[Fernando, 10 anos]. “Museu, livros, vestígios arqueológicos, filmes, computador e fotos” Na questão 1 letra: b) Você acha que os objetos dos museus podem ser utilizados como documentos para aprender história? Todas as narrativas colocam sim e justificam como podemos ver em algumas respostas que foram selecionadas: **[Beatriz, 10 anos]. “Sim, porque ele demonstra o passado e a arqueologia”.**

[João 12 anos]. “Sim, porque tem artefatos que nós estamos estudando e por isso da para aprender história, porque tem tudo o que nós estamos estudando”.

[Jacira, 12 anos.] “Sim, podemos, porque nós vendo aquilo podemos imaginar tudo o que eles fabricavam e imaginavam”.

[Rita, 10 anos]. “Sim, porque com a explicação da professora, com as coisas do livro nós imaginamos as coisas e visitando o museu nós vemos as coisas e ficamos imaginando os índios usando os objetos”. Na questão 2. Imagine-se um historiador e escreva uma narrativa contando a um amigo sobre: “A vida dos povos indígenas e suas culturas na história do Paraná”. Em primeiro lugar observou-se que nem um aluno deixou em branco ou escreveu algo sem sentido histórico, em segundo lugar observa-se uma narrativa fundamentada nos objetos que viram ou que foram desenhados e sobre os quais escreveram e em terceiro as narrativas escritas e as narrativas desenhadas fazem menção a mesma história. A seguir transcrevemos algumas narrativas: **[Jacira, 12 anos]. “Bom hoje eu vou dar uma de historiador, as tribos que viveram aqui no Paraná; eram: Caigangues, Guaranis, Xetás. Eles viviam da caça de animais, mas, também eram muito bravos, eles vestiam roupas muito diferentes nada de bota, meia, saia, alças, camisetas, eles usavam penas com enfeites, folhas como de bananeira, folhas de árvores normais. Não e sem contar que eles usavam uma coisa a chamada Bondurna, eles usavam um cocar**

bem bonito simbolizando um vencedor. Eles também usavam um arco tão, mas tão grande que eles tinham que segurar com a ponta do pé. Mas hoje existem vários índios espalhados pelo mundo, hoje nós somos felizes graças a eles”.

[Rita, 10 anos]. “Vou te contar amigo, a história dos: Caigangues. Bom a cultura deles é bem legal, eles tem muitos rituais nas festas eles ficam com máscaras dançando em volta da fogueira eles tem vários instrumentos como: tambetás, tipiti, bordunas etc. Eles usam muitos esses instrumentos. Guaranis. Eles têm um ritual muito interessante. Eles colocam nas crianças uma máscara feita de fibras e eles acreditavam que vem um espírito e tira o espírito de uma criança e leva para bem longe e trazia um espírito de jovem, a partir daquela festa à criança se transformava em jovem e podia caçar casar etc. Xetá. Eles usavam uma espécie de pirce, e colar, tambetás, cocares e colares de sementes etc.”.

[Clarissa, 12 anos]. “Você sabia que os indígenas no passado eles não sabiam que existia fogo. E para que eles usavam as máscaras? Eles usavam aquelas máscaras quando um menino fazia treze anos, eles vestiam aquelas roupas e um espírito vinha tirava o espírito de criança e trazia um espírito de adulto e ele já podia ir à floresta caçar. A sarabatana, eles usavam a sarabatana para matar os animais ou se defender. O cocar serve para os reis mais corajosos. A urna funerária, eles usavam para colocar os mortos eles queimavam os mortos e daí colocava só as cinzas dentro da urna se não, não cabia a pessoa inteira”.

Observam-se em todas as narrativas, como as que estão no parágrafo anterior, que há indício da consciência histórica, que lê a História, a partir dos objetos que se tornaram documentos, nas “mãos” destas crianças durante a aula-visita. As consciências históricas das crianças alunos, apresentam mudanças em vários aspectos, quando comparados os conhecimentos prévios/protonarrativas com os conhecimentos demonstrados nas narrativas após o estudo realizado através da aula-visita:

PROTONARRATIVAS	NARRATIVAS
<ul style="list-style-type: none"> - presentismo; - idéias históricas de que os indígenas estavam somente na Amazônia; - idéias históricas sobre indígenas, narrada na história do “descobrimento do Brasil”; 	<ul style="list-style-type: none"> - compreensão da existência de índios no Paraná; - compreensões históricas tiradas a partir do objeto, da religiosidade dos índios – exemplos vasos usados para enterrar os

<ul style="list-style-type: none"> - índio não tem cultura; - protonarrativas sem sentido. 	<ul style="list-style-type: none"> mortos; - compreensão da história, da economia, da cultura, do trabalho, da vida social, do cotidiano e da política dos indígenas paranaenses, pesquisadas a partir dos objetos; - compreensão histórica de que os objetos são fontes históricas; - todas as narrativas com sentido histórico e ligadas ao conteúdo em estudo.
--	---

Na aula seguinte na última etapa da aula-visita o/a professor/a após ter analisado todas as narrativas dos alunos/as e comparado com as dos conhecimentos prévios. Devolveu para cada aluno/a as duas narrativas, estes leram e também compararam e se pronunciaram sobre as diferenças que eles observaram, entre a primeira “narrativa dos conhecimentos prévios” e a “narrativa após o estudo principal durante aula-visita”, como foi o seu crescimento em relação aos conhecimentos históricos após a “aula-visita” ao Museu Paranaense. Falaram para a turma da importância daquele conhecimento histórico na sua vida e a respeito daquela metodologia da “aula-visita” ao Museu para aprender história.

9. CONCLUSÃO.

Durante o estudo que compreendeu a aula-visita ao Museu Paranaense pode-se concluir: foram momentos de dedicação; de interesse; de atenção; de envolvimento; de disciplina; de pesquisa; de aprendizado histórico; ou seja, da formação da consciência histórica. O referencial teórico metodológico possibilitou uma perspectiva, de trabalhar os objetos do museu no ensino da História como documentos e como formadores da consciência histórica. A direção do colégio, as pedagogas e as professoras se envolveram, pois, acreditaram na aula-visita como uma metodologia inovadora no ensino da História. Os alunos se envolveram em todas as etapas da aula-visita, no museu vibraram, ficaram apaixonados,

curiosos e com muitas perguntas, durante a confecção dos cartazes, via-se nas discussões que os alunos buscavam a perfeição nos desenhos e nas narrativas. Na apresentação se preparam e quando a equipe apresentava os trabalhos na frente, os outros ouviam em silêncio atentos. Na votação a disputa era acirrada, pois todas as equipes queriam apresentar as outras turmas. Durante as apresentações nas outras turmas, além do nervosismo, os olhinhos brilhavam da satisfação de narrar à história que tinham escrito. Observaram-se ainda, o orgulho, a satisfação, a admiração e o respeito durante a exposição dos cartazes.

As narrativas coletivas dos cartazes e também as individuais, expressam, o conjunto das idéias do grupo e do indivíduo, captadas a partir das formas como eles lidaram com as fontes, que no caso, passaram por um processo de transformação durante as etapas da aula-visita realizada no museu e na escola, fizeram uma conjugação entre as idéias históricas individuais e coletiva, captada através do olhar, da audição e do cheiro dos objetos. Na etapa da aula-visita no museu o aluno interagiu pessoalmente com a fonte e passou para a ficha criada pelo professor. Na escola ele compartilhou a sua ficha com a equipe na produção do cartaz. Mas, o momento da apresentação das narrativas históricas do coletivo foi à conjugação da troca de experiência de como eles lidaram com a fonte, expressando na narrativa a sua atividade investigativa, científica e o seu conhecimento cognitivo.

A aula-visita, procurou-se abordar a aprendizagem, a construção e a compreensão do conhecimento histórico, a partir de proposições que tenham a ver com os interesses dos alunos, suas aproximações cognitivas, vinculadas diretamente com a sua vida, entendidas como satisfação pelo que estão estudando. Trabalhar o conteúdo na perspectiva da aula-visita criou-se algumas possibilidades dentro da Educação Histórica:

1. esse trabalho possibilitou gerar atividades e atitudes investigativas, criadas a partir, do olhar os objetos, do sentir, do cheirar e ao tratá-los como documento, desenhando, fazendo perguntas, trocando idéias com os colegas, com monitoras e professores;
2. abriu perspectivas de trabalhar com diferentes níveis de análise da história dos povos indígenas do Paraná, (conteúdo – trabalho, cultural, econômico, político, social e do cotidiano);
3. o trabalho a partir do recorte menor do conteúdo ligado aos objetos do museu, permitiu a construção de narrativas históricas criada pelos próprios alunos sem cópias de livros;

4. durante o processo de aula-visita o aluno foi construindo uma consciência histórica que passa pelo entendimento do que é um conteúdo histórico, como se pesquisa se produz a História e como se narra essa História aos outros alunos;
5. a cognição histórica dos alunos, apresentada nas narrativas que formaram as avaliações, transformadas em “notas”, demonstraram um crescimento, ficando estas crianças alunos bem a cima da média;
6. nessa perspectiva de estudo de aula-visita ao museu os alunos vivenciaram elementos do método de produção do conhecimento histórico e da pesquisa como atividade de ensino; (SCHMIDT, 1998).
7. foi oferecida aos alunos a possibilidade da apropriação do conhecimento histórico através de uma atividade onde ele edifica o seu saber histórico enquanto sujeito produtor do saber histórico na formação da consciência histórica;
8. apresentou-se aos alunos a possibilidade trabalhar com o método histórico, cujos elementos principais usados no processo didático da aula-visita foram; apreender a formular hipóteses; apreender relações de causalidade; a construir a explicação histórica; a construir a explicação histórica a narrativa histórica;
9. em todo o processo, percebeu-se que o trabalho é facilitado quando o número de alunos é menos por turma - como na etapa da aula-visita que ocorreu no museu, onde a turma foi dividida em 20 alunos por monitoria, assim, defende-se que nas escolas, às turmas da 5ª série não poderiam passar de 20 alunos por sala.
- 10 a aula-visita é apresentada como um dos caminhos para a formação da consciência histórica, já que este é o objetivo de se ensinar história.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA Adriana M.; VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Por que visitar museus? In: BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997.

ASENSIO, Mikel; POL, Elena. Aprender em el museo. **Revista Íber. Salir del aula. Didáctica de las Ciências Sociales, Geografía e História**, Barcelona, n.36, ano IX, abr./maio/jun. 2003.

BARCA, Isabel. Educação histórica e museus. Actas das Segundas Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga: Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho, 2003.

BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2005.

CERVANTES, Magda Fernández. Los museos: espacios de cultura, espacios de aprendizaje. **Revista Íber. Salir del aula. Didáctica de las Ciências Sociales, Geografía e História**, Barcelona, n. 36, abr./maio/jun. 2003.

CURITIBA. Fundação Cultural. **Ação educativa**. Programação Anual, 2006.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

LEITE, Maria I. Crianças, velhos e museu: memória e descoberta. **Cadenos Cedex**, Campinas, v.26, n.68, jan./abr. 2006. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em: 2008.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de história**. Chapecó: Argos, 2004.

RÜSEN, Jörn. El desarrollo de la competencia narrativa em el Aprendizaje histórico. Uma hipótesis Ontogenética relativa a la consciéncia moral. **FLACSO, Revista Propuesta Educativa**, Buenos Aires, Ano 4, n.7, p.27-36, octubre 1992.

_____. **Studies in metahistory**. Portaria: Human Sciences Research Council, 1993. Trad. Márcio E. Gonçalves.

_____. **Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: UNB, 2001.

_____. **História viva: teoria da história III: formas e funções do conhecimento histórico**. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: UnB, 2007a.

_____. **Reconstrução do passado: teoria da história II: os princípios da pesquisa histórica**. Brasília: UNB, 2007b.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **Repensando a ação cultural e educativa dos museus**. Salvador: UFBA, 1990.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Construindo a relação conteúdo método no ensino de história.** Texto fornecido pela autora em curso aos professores de História da Rede Municipal de Araucária. Curitiba, 1999.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história.** São Paulo: Scipione, 2004.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia Braga. **O que é narrativa histórica?** Texto, novembro de 2004.

_____. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de História. **Cadernos Cedes**, Campinas, v.25, n.67, p.297-308, set./dez. 2005.

_____. **Consciência histórica e crítica em aulas de história.** Fortaleza: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará/Museu do Ceará, 2006. v.4.

SILVA, Marcos. **Artes visuais, museu e espaço virtual no ensino de história.** Disponível em: <<http://www.anpuh.uepg.br/xxiisimposio/anais/tesxtos/Marcos%20Silva.Pdf>>. Acesso em: 2007.

SILVA, Susana Gomes da. Museu e escola: por uma relação privilegiada. **Revista APH, O ensino da história.** Boletim (III série) n.23-24, jun./out. 2002.

STEINBACH, Judith. **Patrimônio cultural e museus:** conceitos, tipologias, legislação. Projeto: Educação Patrimonial. Joinville, agosto de 2008.

STUDART, Denise C. **Museus:** emoção e aprendizagem. Texto publicado pela Fundação Oswaldo Cruz (RJ), 2007.

PARANÁ, SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO/SUED. **Diretrizes curriculares de História para a Educação Básica.** Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/portal/diretrizes/pdf/t_historia.pdf>, Acesso em 28 jul. 2007.

PARANAENSE, Museu. **Fotografias.** Tirada pelo autor no próprio local em 2009.

COMPAGNONI, Almir Muncio. **“Em cada museu que a gente for carrega um pedaço dele”:** compreensão do pensamento histórico de crianças em ambiente de museu. – Curitiba, 2009.133 f.